

Párias de todo o mundo, uni-vos

Ao associar-se à Coreia do Norte, Putin perde a pouca credibilidade que lhe resta e aproxima a Rússia do estatuto internacional de Estado pária.

Nuno Severiano Teixeira | Público | 20 de Setembro de 2023

Kim chegou à Rússia de comboio. Um comboio verde e dourado, blindado e luxuoso. Não foi o primeiro a viajar de comboio para a Rússia. Em Julho de 1917, Lenine também viajou de comboio. Também blindado, mas não tão luxuoso. Lenine ia clandestino, para fazer a revolução e derrubar o czarismo, tirar a Rússia da Grande Guerra e instaurar o comunismo. Kim foi a convite de Putin e recebido com pompa e circunstância, para apoiar a guerra da Rússia contra a Ucrânia e perpetuar o seu despotismo.

Durante seis dias, o líder norte coreano passeou-se pela Sibéria oriental e visitou um centro espacial e fábricas várias do complexo militar industrial russo. Mas, como é evidente, o ponto alto da visita foi o encontro dos dois ditadores. As relações entre a Rússia e a Coreia do Norte têm uma história conturbada. Depois da divisão das Coreias, nos tempos da Guerra Fria, a Coreia do Norte era um satélite soviético e assentava por inteiro no apoio de Moscovo. Tudo isso mudou com o fim da Guerra Fria e o colapso do império soviético. A Rússia aproximou-se da Coreia do Sul emergente e juntou-se ao esforço internacional de contenção da deriva nuclear do regime dos Kims. Em 2017, o Kremlin aprovava, ainda, as resoluções da ONU que condenavam e sancionavam o programa nuclear norte-coreano.

A invasão russa da Ucrânia, em 2022, volta a mudar tudo nas relações entre Moscovo e Pyongyang. Mas, afinal, o que quer Putin da Coreia do Norte? E Kim da Rússia? Putin precisa, desesperadamente, de munições compatíveis com a artilharia do seu exército, *rockets* e mísseis antitanque para continuar a sustentar o esforço de guerra na Ucrânia que a indústria militar russa não consegue acompanhar. Desde os tempos soviéticos, a Coreia do Norte guarda vastos *stocks* dessas munições compatíveis e Kim não vê a hora de as oferecer a Moscovo.

Em troca de quê? A Coreia do Norte é uma quase autarcia e precisa, por isso, de coisas tão básicas como comida e medicamentos. Ora, tudo isso a Rússia tem. Mas é ao mesmo tempo um Estado altamente militarizado e precisa também, por isso, de armamento cada vez mais sofisticado. Precisa de apoio tecnológico para os seus programas avançados de mísseis balísticos, submarinos nucleares e para o, até agora malsucedido, programa de lançamento de satélites. A Rússia tem essa tecnologia e pode disponibilizá-la. Isto é, precisam um do outro e ambos precisam de armamento. Um para a guerra da Ucrânia, outro para a sobrevivência do regime.

Mas não é só de armamento que precisam. Precisam também, e sobretudo, de aliados e amigos. Que é coisa que lhes escasseia. A Coreia do Norte é há muito um Estado pária, condenado pelas Nações Unidas e isolado da comunidade internacional. Desde a

invasão da Ucrânia, a Rússia percorre o mesmo caminho. Está cada vez mais isolada, sob sanções do Ocidente e condenada por duas resoluções da Assembleia Geral das Nações Unidas pela agressão à Ucrânia. E nem mesmo a China ou a Índia, que não condenaram a Rússia, ousaram estar a seu lado e optaram pela abstenção. Em 198 membros, apoio só mesmo o de seis Estados párias, entre os quais, como é óbvio, a Coreia do Norte.

Putin e Kim negaram qualquer acordo de cooperação militar. Mas com acordo ou sem ele, nesta nova amizade, Kim tem tudo a ganhar, Putin muito a perder. Kim ganha o estatuto de interlocutor credível e quebra o seu isolamento internacional. Reduz a dependência da China e a eficácia das sanções internacionais. E se conseguir a tecnologia militar que procura, reforça a sua capacidade de ameaçar os vizinhos e desestabilizar a ordem regional. Putin, pelo contrário, se transferir tecnologia militar para a Coreia do Norte, viola as sanções da ONU e agrava, ainda mais, o seu próprio isolamento. Mais, ao associar-se à Coreia do Norte, Putin perde a pouca credibilidade que lhe resta e aproxima a Rússia do estatuto internacional de Estado pária. Isto é, certamente, um sinal de fraqueza da Rússia que precisa de párias internacionais para alimentar o seu esforço de guerra: antes, o Irão para os *drones*, agora, a Coreia do Norte para as munições.

Mas este é, ao mesmo tempo, o sinal político mais importante da cimeira Putin-Kim: promovido pela Rússia, parece estar em formação um eixo de Estados párias cuja aproximação diplomática e cooperação militar só poderá introduzir novas ameaças e riscos para segurança internacional. A mensagem de Marx era: “Proletários de todos os países, uni-vos.” A mensagem de Putin parece ser: “Párias de todo o mundo, uni-vos.”

<https://www.publico.pt/2023/09/20/opiniao/opiniao/parias-mundo-univos-2063888>